

Encontros e desencontros em vinte anos de amizade. Bella é uma
mulher de luxo bem sucedida. A abertura de um baú que enterramos
há quinze anos, pode mudar seus destinos. Em cima de um pentágono
no chão. Cada uma em uma ponta da estrela. Ana furou seu
dedo para que a gota caísse na pétala. E sob protestos e gritos,
permitiu que seu dedo fosse furado para completar o ritual.
Os encontros entre elas eram sempre assim, um clã fechado. Não que
sejam sempre. Afinal, em vinte anos de amizade, ninguém conseguiu
ter os encontros semanais. Os encontros eram sempre festivos.

As festas, as festas enchiam a vida e as lembranças.
E sempre faziam a amizade para sempre. Até que a vida nos separe

As longas noites, renovaram seu pacto de sangue, mas desta vez se
sentiram diferentes. Abririam um baú que enterraram há quinze
aniversário do milênio. Não cabiam palavras, as cinco choravam e
amavam aquele amor. Continuaram as aberturas das caixas, teriam
da noite para conversarem sobre o que estavam desenterrando
os sentimentos e anseios que a vida atropela. Escolhas que fazem
nos levar para caminhos difíceis. Aqui foi onde tudo começou.
Tantas coisas aconteceram nesses anos. Encontros, desencontros e
desencontros. Risos e choros. Caminhos diferentes foram tomados, escolhas
erradas... Nos perdemos, nos encontramos, mas pra mim o mais
importante é que mesmo longe, sempre estivemos juntas. Trouxe
para repetirmos o pacto de sangue. Este ano com a abertura do
resto, ainda não conseguimos fazer. Mas dessa vez não
foi o nosso o sangue da mulher que me ensinou a
perdoar que me ensinou que o amor não tem gênero
repetição, não tem rancor. Um amor que cura,
um amor que perdoa. Um amor que perdoa o próximo
perdoa a si mesmo. Nunca estaremos completas.
Não foi somente um pacto de sangue renovado.
Foi a promessa de irmandade. Só estaremos completas quando



Copyright © 2016 Nahra Mestre

Capa: Paulo Vieira

Revisão: Bel Góes

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Esse livro é dedicado a todas as anjas e anjos
que me ajudaram a concretizá-lo.*

*Em especial querida anja Silvana Soares,
que a cada capítulo me presenteou com
uma mensagem cheia de emoção.*

Cinco amigas. Cinco mulheres diferentes. Cinco destinos que convergem.

Encontros e desencontros em vinte anos de amizade.

Bella é uma prostituta de luxo bem-sucedida.

Laura é uma socialite que se casou com um homem rico.

Luana é casada com Cristina e vive um casamento de sonhos.

Ana Maria é solteira, ama crianças e sua vida está dentro de uma escola.

Juliana é a esposa ideal, dona de casa exemplar e mãe de três filhos.

A abertura de um baú, que enterraram há quinze anos, pode mudar seus destinos.



PRÓLOGO

1995

Já escurecia e o frio chegava aos poucos. Luana, Ana e Ju estavam sentadas na calçada. Tinham entre dez e onze anos de idade, já não queriam brincar com bonecas, nem queriam flertar com os meninos que passavam de bicicleta na rua só para vê-las.

Estavam de férias. Ju e Luana eram vizinhas e nesta época do ano, Ana sempre passava alguns dias na casa das amigas. Eram da mesma sala, unidas como cola, tudo era feito em bando.

Laura, a irmã de Luana, tinha nove anos. Sempre foi metida e não tinha muitas amigas, apenas uma das cinco meninas, Bella, que a idolatrava e sempre a seguia. Laura sempre quis andar com os mais velhos, precoce por essência. Andava atrás da irmã e, apesar da rejeição, levava sua amiga inseparável consigo.

Era uma cena conhecida, o trio ternura, a perua mirim e sua aprendiz. Bastava as três sentarem no ponto de encontro que logo a dupla se juntava.

Bella sempre foi risonha, morava no mesmo bairro. As ruas, naquela época, eram ponto de encontro de crianças jogando bola ou andando de bicicleta ao entardecer. Ana adorava sentar ali e ver Lucas, o irmão de Laura e Luana fazer manobras radicais em sua Caloi.

Parecia uma tarde comum. O silêncio das três que somente apreciavam a rua e as duas inquietas querendo fazer parte de um bando que não lhes pertencia. Passou um vendedor de bolas, daquelas enormes, coloridas. Laura correu para dentro de casa e voltou com dinheiro para comprar uma. Bella e Laura começaram a rebater o trambolho, divertiam-se tanto com aquilo que Ju, Ana e Luana resolveram se juntar a elas.

Vez ou outra, tinham que interromper a brincadeira para que um carro passasse. Fazia frio, mas seus corpos estavam quentes. Só percebiam o clima, porque a bola leve voava com a força do vento. Não havia mais sinal dos meninos e suas bicicletas, provavelmente estavam na rua de baixo.

A brincadeira continuava animada até que por um soco forte, aliado ao vento, a bola foi parar na casa mais apavorante da rua.

— Laura, agora você se vira — falou Luana brava com a irmã.

— Eu não vou na casa da dona louca e da bruxa descabelada.

Bella não tinha medo das duas mulheres de meia-idade, aparentemente esquisitas que moravam naquela rua. Eram um mito entre as crianças, umas as denominavam de bruxas, outros de macumbeiras, mas todas acreditavam que eram loucas. Sabe-se que todo ano elas tentavam distribuir balas em dia de São Cosme e Damião. Ninguém aceitava, somente Bella.

Bella foi andando em direção à casa de muros altos. Ana e Ju andaram atrás dela. Laura e Luana titubearam antes de segui-las. A corajosa bateu no portão tentando resgatar a bola.

Com um sorriso acolhedor foram recebidas no portão. A simpatia da senhora fez desarmar nas amigas medrosas um pouco do pavor que sentiam.

— Por favor, nossa bola caiu na sua casa. Poderia pegar para nós — pediu Bella sorrindo tímida.

— Podem pegar, entrem. — Convidou abrindo o portão.

Uma a uma, foram entrando na casa. Cada uma no seu tempo, com medo, assustadas. Era uma casa de madeira, tinha uma horta linda. Não tinham alfaces ou couves plantadas. Eram ervas com um cheiro sublime que davam a casa um charme a mais. Laura a todo momento lembrava da história de João e Maria.

Em cima de um pentagrama pintado no chão, estava a bola, intacta. Bella se apressou para pegá-la, Ju e Ana se aproximaram encantadas com o desenho no chão. Laura apertou a mão da irmã com medo e juntas foram ao encontro das amigas.

Cada uma em uma ponta da estrela, olhando os detalhes encantadas, perceberam que se tratava de um mosaico. Ninguém avançava para pegar a bola, mas ninguém se afastava.

A senhora ficou ali olhando para elas e um sorriso discreto brotou em seus lábios.

— Vejo que são amigas e me parecem bem unidas — falou em uma voz suave. — Eu e a Rose nos conhecemos há trinta anos. Já estivemos aí onde vocês estão com outras três amigas.

As meninas se entreolharam e Luana pegou a bola. Andaram apressadas em direção à saída e antes que partissem a senhora concluiu:

— Não deixem que o tempo dissolva a amizade de vocês. Cultivem e estejam sempre próximas uma da outra.

Saíram apressadas e voltaram para a calçada. Não eram tão próximas, não todas. Laura e Bella não faziam parte daquela turma. Cada uma com seus próprios pensamentos, medos e fantasias refletiam sobre a visita na casa das bruxas.

— Ela não me pareceu uma pessoa má — falou Ju, pensando alto.

— Nem todas as bruxas são más — completou Ana.

— A estrela no chão era bem bonita — observou Laura.

— Será que seremos amigas por trinta anos? — questionou Luana, ainda pensando nas palavras daquela mulher.

— E se fizéssemos um pacto de sangue? — sugeriu Bella empolgada pela primeira vez por se sentir parte daquela turma.

— Eu tenho nojo de sangue — falou Laura, com cara de asco.

— Para que servem os pactos de sangue? — perguntou Ju.

— Acho que é para nos tornarmos irmãs, assim ficamos todas com o mesmo sangue — falou Luana, parecendo entendida.

— Então não preciso fazer com você Luana, nós já temos o mesmo sangue — ponderou Laura aliviada.

Ana se levantou e pegou uma rosa murcha que estava na grade do portão. Retirou uma pétala e um espinho.

— Eu não sei como faz, mas podemos colocar nosso sangue nessa pétala de rosa — sugeriu Ana entregando a pétala para Luana.

— E como vamos guardar? — perguntou Ju interessada na aventura.

— Numa caixa transparente, a Laura tem uma — sugeriu Luana.

Ana furou seu dedo e apertou para que a gota caísse na pétala. Luana e Ju fizeram a mesma coisa. Relutantes, deixaram que Bella colocasse ali a sua gota e sob protestos e gritos, Laura permitiu que seu dedo fosse furado para completar o ritual.

CAPÍTULO 1

2015

Os encontros entre as cinco amigas eram sempre assim, um clã fechado. Não que se falassem sempre. Afinal, em vinte anos de amizade ninguém conseguiu manter os encontros semanais. Ao longo dos anos se limitavam a encontros anuais.

Esse era o retorno, depois de três anos de desencontros, finalmente elas estariam juntas novamente.

Bella era a mais bonita de todas. Tinha vinte e sete anos, suas curvas eram perfeitas, os cabelos sempre bem cuidados, seu rosto parecia ter sido esculpido com perfeição. Como vinho, os anos lhe fizeram muito bem.

Laura foi criada para levar a vida que tem. Casou-se o rico empresário Ernany Novaes. Tinha vinte e nove anos, mas sempre falava que tinha a mesma idade da Bella. Independente da hora do dia, estava impecavelmente vestida e com os cabelos perfeitamente alinhados. Era uma esposa dedicada e uma socialite admirada pelos projetos sociais que apoiava.

A irmã de Laura era muito diferente dela. Luana era uma mulher bonita, mas não era vaidosa. Qualquer coisa lhe caía bem. Há sete anos estava casada com Cristina. Eram sócias em um café, livraria e floricultura, tudo em um só lugar. Sempre eram as anfitriãs que recebiam o clã. Cristina muitas vezes saía, deixando as amigas à vontade. Viviam um casamento lindo e invejado por todas.

Ana Maria era simples. Seguiu a profissão da mãe, professora. Lecionava para o ensino fundamental em uma escola da rede municipal. Era bonita, mas não se cuidava. Tinha uma beleza única e sua tez mais escura realçava seus traços finos.

Juliana, conhecida por Ju, era casada, mãe de três crianças. Classe média-alta, mãe exemplar, dona de casa perfeita e esposa troféu de Rodrigo, um conceituado advogado. De todas, era a menos bonita. Não que fosse feia, mas das cinco era a única que não chamava a atenção de todos por onde passava. Casou-se cedo, começou a namorar Rodrigo aos quinze anos. Muitas vezes ele fez o papel de guarda-costas das doidinhas na adolescência.

Luana, Ana e Ju foram da mesma sala a vida toda. Laura sempre gostou de andar com a irmã mais velha e trouxe sua melhor amiga Bella para o clã. A diferença de idade entre elas já não era grande, afinal o que são três anos? Pois na adolescência, muitas vezes, houve um abismo entre elas.

Os encontros eram sempre festivos. Matavam as saudades, enchiam a cara, choravam as pitangas, relembavam o passado e sempre faziam a promessa de manter a amizade para sempre. Ao longo dos anos, muitas vezes, renovaram seu pacto de sangue, mas desta vez seria um encontro diferente. Abririam um baú que enterraram há quinze anos, na virada do milênio.

Bella se preparava para o encontro com as amigas e por isso havia dispensado o seu melhor cliente naquela noite. Desde a faculdade era prostituta de luxo, aprendeu a gostar do que fazia. Sempre foi muito bem agenciada, em pouco tempo era a mais procurada da casa e já escolhia com quem se encontrava e em que termos, coisa que poucas meninas podiam fazer. Tinha seus preferidos, acompanhava muitos deles em eventos. Já tinha recebido vários pedidos de casamentos entre solteiros, separados, casados e viúvos. As quatro amigas eram o mais próximo

que poderia chamar de família. Perdeu os pais cedo, morou com a avó até a faculdade. Acabou perdendo seu porto seguro um pouco antes de escolher sua profissão.

Laura estava no salão, mudaria o corte, retocaria a cor dos cabelos. Encontrar as amigas era o evento mais importante do ano. Podia exibir para todas que era a mais bem-sucedida entre elas. Seu ego coçava, precisava de reafirmação. Era uma amiga gentil, atenciosa e com um coração do tamanho do mundo, mas era uma perua nata. O orgulho de sua mãe, já que Luana, sua irmã, optou por casar com uma mulher.

Luana e Cristina eram uma só. Faziam tudo juntas, eram amigas, amantes, confidentes e raramente se desentendiam. Mantinham sua individualidade, mas sempre optavam por passar o tempo juntas. Montaram um café, que logo virou também uma livraria e Cristina trouxe as flores que são o reflexo da sua suavidade e delicadeza. Cris é meiga, carinhosa e o sexto elemento. Mantinha-se distante, apreciava e muito a amizade entre elas, mas sabia que nunca se tornaria parte daquele clã.

Ana tentava escolher uma roupa. Sempre se sentia uma estranha entre as amigas bem vestidas. Não ganhava mal, mas também não ganhava bem. Podia ser considerada uma quase virgem de novo. Se dedicava ao trabalho e sonhava em ser mãe. As crianças da escola eram um pedaço dela. Ana se apegava, era sempre atenciosa e acompanhava todos os seus alunos de perto, podia-se dizer que era uma amante de sua profissão. Sempre estudava, já estava na terceira faculdade. Passava a vida dentro da escola, ora lecionando ora sentada como aluna.

Juliana tentava convencer o marido perfeito a chamar uma babá para aquela noite. Ele negava dizendo que daria conta das crianças; João de sete, Carol de cinco e Felipe de três. Todos os filhos minunciosamente planejados, assim como tudo naquele casamento. O marido parecia satisfeito com o zelo da esposa, garantiu que cuidaria das crianças para que ela se encontrasse com as amigas. Rodrigo era querido por todas, afinal todos cresceram juntos. Eram as madrinhas de seus filhos. Laura e Luana eram as madrinhas de João. Bella, a madrinha de Carol e Ana, a madrinha de Felipe.

Estava tudo pronto para receber a convenção das bruxas, era assim que Cristina chamava a reunião delas. O café estava fechado. Cris se esmerava em todos os detalhes, preparou uma linda mesa, posta com flores do campo coloridas, que perfumavam o ambiente, enquanto isso Luana finalizava alguns tira-gostos. Cris mais uma vez quis fugir, mas Luana implorou que ela ficasse.

— Não tem graça, Lua, é o encontro de vocês. Não seria tão bom se Ernany, Rodrigo, eu e as crianças participassem. Eu vou para casa e vou assistir um filme — falou tocando seu rosto com carinho.

— Eu prometo que não demoro — respondeu Luana, retribuindo o toque carinhoso.

— Não prometa, veja o sol nascer, aproveite! Eu estarei sempre esperando por você.

Numa troca cúmplice, as duas se despediram. Moravam ao lado do café, em uma rua movimentada, cheia de bares interessantes e Luana deduziu que Cris passaria em algum deles antes de ir para casa. Eram muito conhecidas por ali.

Ana Maria foi a primeira a chegar, pegou o ônibus cedo para não se atrasar. Seus sábados eram sempre mais monótonos e rotineiros, depois da faxina, almoçava em um restaurante perto de sua casa e passava a tarde assistindo televisão. Estava ansiosa para abertura do baú, passou a semana tentando lembrar o que tinha colocado lá dentro, mas não fazia ideia. Cumprimentou Luana com um abraço carinhoso.

— Onde está a Cris? — perguntou Ana

— Ela não quis ficar, disse que atrapalharia — respondeu Luana dando ombros.

— Eu fico desconfortável com essa situação. Não tem o menor cabimento a Cris precisar sair para nos encontrarmos, ela é quase uma de nós.

Luana sorriu com a observação, *quase*. Aquela era uma fraternidade impenetrável, e muitas vezes se questionava como ainda sobreviviam ao tempo. Eram completamente diferentes hoje e suas vidas tinham tomado rumos opostos. Cinco mulheres, cinco vidas, cinco escolhas diferentes, mas ainda assim suas vidas convergiam.

Ainda perdida nesses pensamentos, Luana deu as boas-vindas à Ju, que chegou logo após Ana, trazida pelo marido e com toda a sua prole no banco de trás. Luana e Ana foram cumprimentar os sobrinhos e encher de beijos os afilhados. Entraram num clima feliz esperando as duas caçulas da turma. As três eram a cabeça, uma amizade forte, eram as mais centradas, cada uma da sua própria maneira. Em seguida chegou Bella, em um vestido simples, mas que realçava como sempre sua boa forma. Era espontânea, alegre, a mais espirituosa de todas.

Com uma entrada triunfante, em seu modelito azul-royal, Laura chegou trazendo seu perfume doce, quase enjoativo e sua boca vermelha, tudo perfeitamente combinado e finalizando com os cabelos hidratados e penteados para um editorial de moda, que a cada dia ficavam mais claros.

— Meninas, nem acredito que finalmente conseguimos nos encontrar — falou Ju erguendo a taça de vinho com um sorriso de satisfação nos lábios.

— É um absurdo que em três anos, não conseguimos um só dia para estarmos todas juntas — completou Bella, cruzando suas pernas de maneira muito sexy.

— Minha irmã é uma mulher com a agenda muito cheia — ironizou Luana. — E olha que ela nunca foi convidada para participar da turma.

— Ela chegou chegando e ainda trouxe a Bella a tira colo — completou Ana.

— Somos o brilho de vocês, suas sem graças — falou Laura com sua peculiar maneira espalhafatosa.

— Eu estou louca para saber o que enterramos, Ana você trouxe o baú? — perguntou Ju.

— Ele já está aqui desde a semana passada — respondeu ela. — Eu costumo almoçar com a Cris e a Luana todos os domingos aqui no café. Vocês sempre prometem vir, mas nunca aparecem.

Entre taças de vinhos e cobranças de encontros que não aconteceram, elas ficaram conversando durante horas. Todas falavam ao mesmo tempo, havia uma energia que as envolvia. Sentiam-se como se o tempo não tivesse passado e tivessem se encontrado no café da manhã.

Já começavam a ficar mais soltas. Todas, sem exceção, tomavam vinho, cortesia da madame Laura. O melhor da adega de Ernany para suas amigas, tinha um que de ostentação, mas nenhuma delas ligava. Com os anos, seus defeitos foram se tornando meras características de personalidade. Conheciam muito bem uma a outra.

O telefone de Bella tocou mais uma vez, e com um sorriso no rosto, digitou uma mensagem rápida e pousou o telefone sobre a mesa.

— Bellinha, eu ainda sonho com você de Julia Roberts, em Uma Linda Mulher — comentou Laura em tom de brincadeira

— Para que? Exclusividade? Eu ganho a vida assim como você — falou, fazendo com que Laura engolisse seco, arrependida de suas palavras. — Você oferece exclusividade ao seu marido em troca de todos os luxos que tem. Eu escolho com quem durmo, quem levo para cama e não preciso me sujeitar a parte ruim de ser casada.

— Ser casada não é ruim — criticou Ju, orgulhosa do título de esposa que carregava há anos.

— Não com um marido igual ao seu. Um capacho que deita para você passar — observou Luana, repondo alguns petiscos na mesa.

— A Cris faz tudo por você também — retrucou Ju ofendida com o estereótipo dado ao marido.

— Eu não acho ruim de ser solteira — falou Ana timidamente. — Eu gosto da minha liberdade de ir e vir.

— Ana, você não conta. Vive como uma franciscana, enclausurada em uma escola — falou Laura com tom de reprovação.

— Claro que conta, cada uma fez uma escolha na vida. E todas têm seus motivos para isso — falou Luana, tentando deixar a amiga mais confortável.

— Olha eu acho melhor abríamos logo o baú! — sugeriu Ju. — Antes que essa troca de gentileza vire uma outra briga, como no nosso último encontro.

— Eu não entendo porque vamos abrir aquilo. Eu não me lembro o que escrevi e juro não tenho o menor interesse de saber. Eu tinha quinze anos quando escrevi e entre erros de português e baboseiras eu não acho que ali teria nada que preste — falou Laura com desdém

— Olha, levando em consideração que se fosse escrita hoje teriam os mesmos erros de português de quinze anos atrás, não vejo nenhum problema em abrímos — falou Ana que às vezes deixava escapar seu lado sarcástico. — Laura, vamos combinar, escola nunca foi o seu forte.

— Por isso ela casou com um homem rico — observou Luana e olhou para a irmã.

— Por favor, não comecem de novo. Tem tanto tempo que não nos encontramos que poderíamos pelo menos fazer um esforço para tornar a noite agradável — sugeriu Ju, com um olhar apaziguador.

Luana e Ana saíram da mesa para buscar o baú. Ele era pesado, de madeira maciça e ficara guardado na casa da Ana nos últimos quinze anos. Não sabia porque, mas sempre encerava a madeira para que permanecesse vistosa. Talvez um hábito adquirido pelas monótonas faxinas mensais que acontecia em todo primeiro sábado do mês.

CAPÍTULO 2

Quando o pesado baú foi colocado no chão, Luana e Ana se sentaram, ao seu lado. Logo em seguida, Ju e Laura se aproximaram. Bella deixou que seus pensamentos vagassem pelo tempo. Conseguiu lembrar perfeitamente do dia em que fecharam aquele tesouro e guardaram ali parte de suas histórias. Observada por todas, despertou do seu transe, aproximou-se e falou emocionada:

— Antes de abrirmos o baú, eu queria agradecer pelos vinte anos de amizade. — Ela fitava intensamente Luana. — Vocês são e sempre serão a minha família. Abrir esse baú vai ser redescobrir uma Isabella que se perdeu no tempo e no espaço. Não me arrependo das minhas escolhas, mas sinto falta de quando acreditávamos que tudo seria diferente.

Luana se levantou e abraçou a amiga. Em pouco tempo, um emaranhado de braços a envolvia. Por um tempo abraçaram-se, meio desajeitadas e trocaram carinhos. Sentaram no chão em volta do baú.

— Eu me lembro que guardamos cinco caixas, com o nome de cada uma. A primeira retira uma caixa e entrega para a sua dona que abrirá sua própria caixa — falou Ana, abrindo o cadeado do baú com a chave que guardava como pingente numa correntinha de ouro que tinha sido de sua mãe.

Ana pegou a caixa de Laura e a entregou. Sentou-se no chão e aguardou que a primeira cápsula fosse aberta. A caixa de Laura era rosa, no fundo da tampa um pôster da Madonna. Aos poucos tirava os pertences e mostrava o que havia guardado. Uma Barbie vestida de Madonna, uma faixa “Garota Lions Club” e uma carta num envelope rosa.

— Eu tinha até me esquecido que você era aspirante a Miss — brincou Luana divertida, arrancando uma careta da irmã.

Laura titubeava com a carta nas mãos, travava uma batalha entre ler ou não o que havia escrito. Bem lentamente foi abrindo o envelope em busca da carta. Pigarreou e começou a ler o pequeno parágrafo que escreveu.

“Eu me chamo Laura, tenho quatorze anos. Quando abrirmos o baú já vou ser adulta e rica, pois vou casar com um homem muito rico. Nunca vou trabalhar, vou ter os melhores vestidos no meu guarda-roupa. Não me importo se não amar meu marido, mas ele tem que me amar. Para me dar de tudo.”

Tomou fôlego e segurou bravamente as lágrimas que ardiam em seus olhos.

Nenhuma palavra foi dita, todas perceberam o quanto a abertura da caixa havia sido dolorosa para Laura. Apesar de ter conquistado tudo que sonhava, perceberam pela primeira vez em seus olhos o vazio de sua vida. Laura pegou a segunda caixa e entregou para Ana, que tremia em expectativa.

Enquanto tocava a caixa, revivia sentimentos enterrados e uma única imagem se formava em sua mente: Lucas, o irmão das amigas, seu único e grande amor.

Ana, visivelmente emocionada, retirava fotografias que rodaram pelas mãos de todas. As amigas juntas. Ana e sua mãe. Lucas e ela abraçados com um pôr do sol ao fundo, foto que Laura havia tirado num piquenique que fizeram. Um pingente de coração com as iniciais A e L. As meninas sorriam compartilhando a emoção da amiga.

— Eu escrevi uma carta para o Lucas — confessou com a voz embargada. — Não vou conseguir ler.

Ju se levantou, abraçou a amiga e pegou a carta de suas mãos.

“Lucas, hoje é um dia de muita alegria e de muita tristeza para mim. Saber que você vai realizar o seu sonho de jogar basquete nos Estados Unidos é um motivo de muito orgulho para mim. Você poderá se formar fora e fazer o que tanto ama.

Passamos um ano sonhando com isso e acreditando, que me esqueci de pensar como eu ficaria se você partisse. Só escrevi a carta porque tenho certeza que quando este baú for aberto, estaremos juntos, casados e com três filhos.

Quero que saiba que o meu amor por você é tão grande que nunca te esquecerei. Estarei esperando por você o tempo que for.

Eu te amo.”

Não cabiam palavras, as cinco choravam e reviviam aquele amor. Continuaram as aberturas das caixas, teriam o resto da noite para conversarem sobre o que estavam desenterrando. Ana pegou uma caixa e entregou para Ju. Sabia exatamente o que a amiga tinha enterrado. Conhecía bem seus sonhos, viviam momentos parecidos naquela época. Sentiu a necessidade de acreditar no amor novamente.

Conforme Ana previa e se lembrava, na caixa de Ju estavam fotos de Rodrigo. Os polaroides com datas e locais escritos, mostravam as cinco com seu marido. Ele sempre demonstrando seu carinho nas fotos. Ju abriu um largo sorriso e começou a ler seu pequeno texto:

“Hoje estou com dezesseis anos, mas assim que completar dezoito me casarei com Rodrigo. Teremos três filhos assim que me formar na faculdade. Vou ser a melhor advogada da cidade e trabalharei na Defensoria Pública.

Meu marido terá muito orgulho de mim. Juntos teremos o melhor escritório de Direito do país. Meus filhos serão lindos e vamos morar em uma casa com dois cachorros.”

Com um sorriso fraco nos lábios e sem encarar nenhuma das amigas, entregou a caixa para Luana. Dentro da caixa havia somente uma carta. Ela correu os olhos antes de começar a ler:

— Meninas, não sei se posso ler em voz alta — falou olhando intensamente para Bella.

— Como não? Todo mundo pagou o mico e se expôs no nível máximo — retrucou Laura

— É porque eu falo da Bella nessa carta — confessou procurando a aprovação da amiga.

Bella somente confirmou com a cabeça, sorrindo e imaginando o que poderia conter ali. Luana começou a ler timidamente.

“Talvez eu não mereça muita coisa quando abrirmos o baú. Eu não sou muito convencional. Talvez nem abriremos esse baú, e se abrirmos talvez já terei sido banida do grupo. Hoje tenho dezesseis anos. Quando tinha quatorze descobri que os garotos não me interessavam, eu olhava para as meninas, mas sempre desviava o olhar me culpando por ter vontade de tocá-las.

Ontem consegui superar minha esquisitice, beijei uma das minhas melhores amigas. E o pior ela tem doze anos e foi o primeiro beijo dela. A Bella é linda, meiga, carinhosa e gosto de estar do lado dela. Toda vez que penso que estou apaixonada, lembro de toda sujeira que é isso tudo. A Bella não gosta de mulher, ela sempre olha e comenta sobre os amigos do Rodrigo ou do Lucas. Acho que ela não liga muito por eu ter sido seu primeiro beijo. Às vezes parece mais velha do que eu.

Como sei que não estarei presente na abertura do baú, peço que me perdoem pela minha esquisitice e por ser diferente. Devo ter alguma qualidade para que vocês se lembrem de mim.

E mesmo não estando presente na hora que abrirem o baú, saibam que vocês foram as melhores amigas do mundo. Tenho certeza que em no máximo dois anos, assim que entrar na faculdade, eu me afastarei, pois será impossível lutar contra o que sinto.

Amo vocês.”

Bella sorria para a amiga e se levantou para abraçá-la. Deu-lhe um selinho casto nos lábios e juntas pegaram a última caixa do baú. Dentro havia uma boneca e uma cartolina enrolada. Em um cartaz com letras desenhadas havia uma única frase.

Eu ainda vou ter uma grande família!

CAPITULO 3

Num silêncio sepulcral Ana e Luana desenterravam os outros objetos que jaziam no baú. Havia quatro caixas transparentes com uma pétala de rosa dentro, ali guardavam os pactos que renovavam a cada cinco anos. Fotos, cartas que trocavam, guardanapos escritos, ingressos de shows e várias outras bugigangas que contavam a história daquela amizade.

Aos poucos, as lembranças suavizavam as palavras rascantes das cartas e as lembranças amargas que guardaram por quinze anos. Cada cápsula aberta fez sangrar feridas profundas, dores e dúvidas que preferiam esquecer a encarar.

Os objetos eram passados de mão em mão. Aos poucos o silêncio era rompido por casos e lembranças de cada coisa que aparecia. O clima tenso aos poucos dava espaço para a nostalgia. Era visível o desconforto de Laura, apesar de estar impecavelmente vestida, seus olhos não refletiam sua elegância e seu ar de superioridade. Juliana, que sempre foi a mais companheira, aproximou-se da amiga e a chamou para conversar num lugar mais afastado.

— Está tudo bem? — perguntou Ju com um sorriso acolhedor.

— Claro que não! Esse baú deveria ficar enterrado para sempre. — Praguejou Laura num misto de dor e raiva.

Ju abraçou a amiga com carinho e deu um beijo em seus cabelos. Laura aceitou o carinho e permitiu que as lágrimas caíssem. Há muito não conseguia se sentir protegida e amada.

— Laura, foi difícil para todas nós. Existem sentimentos e anseios que a vida atropela. Escolhas que fazemos que nos levam para caminhos difíceis.

— O pior de tudo Ju, foi lembrar que a vida que tenho hoje foi exatamente o que almejei. Aos olhos dos outros sou a esposa perfeita, que apoia causa sociais, mas sempre fui incapaz de dar amor ao Ernany. Isso nunca foi prioridade, até que ele começou a se envolver com essas mulheres que sustenta. Nem sei mais se ele hoje tem uma única amante ou várias como antes — confessou não conseguindo mais segurar suas lágrimas.

— Você já amou seu marido algum dia? — perguntou limpando a maquiagem borrada da amiga com um guardanapo.

— Eu não sei, mas a cada dia sinto falta de coisas que não tive. Paixão, romance, a cumplicidade que você tem com o Rodrigo. Eu adoraria ter um casamento como o seu, Ju.

— Laurinha, as coisas não são fáceis como parecem. As crianças sugam muito de mim. Eu abri mão da minha vida profissional e muitas vezes eu é que sou o porto seguro de todos lá em casa. O Rodrigo é um marido maravilhoso, lutamos todos os dias para conseguirmos o que temos, mas não dispomos muito tempo para nós. Paixão e romance não fazem parte da minha rotina.

— Enquanto ouvia cada uma de nós lendo suas cartas, percebi o quanto somos fracassadas. Agora com a doença da Luana eu não sei de mais nada. Eu não posso perder a minha irmã, Ju. Ela é tudo *pra* mim.

— Eu também não consigo aceitar como as coisas chegaram a esse ponto. Logo a Luana. Ela vai contar para Bella?

— Vai, só falta a Bella saber. Eu não sei como ela vai conseguir, também não sei se estou preparada para ouvir de novo.

Ju abraçou a amiga ainda mais apertado. Esperou que se acalmasse e limpou seu rosto borrado.

— Eu estarei sempre aqui.

— Eu também.

Sentaram num sofá no canto. Luana preparava algo na cozinha e Bella foi ajudá-la. Ana se aproximou de Laura e Ju com um sorriso meigo nos lábios.

— Nós vamos sobreviver — arriscou com palavras que lhe faltavam. — É melhor deixar as duas sozinhas na cozinha, assim Luana pode contar para Bella — falou e se juntou a elas.

— Ana, eu não sabia que você amava o Lucas até hoje — comentou Laura se referindo ao irmão. — Você nunca mais falou dele.

— Ele se casou, Laura, hoje tem uma família e mesmo que tenha se separado, o tempo passou. Ele e a Roberta tem filhos juntos, serão ligados para sempre. Talvez eu volte com as fotos e com a carta para dentro do baú. Talvez continue fugindo dos encontros com ele, mas agora com a doença da Luana, o reencontro será inevitável — disse Ana tentando ser racional.

— Nunca mais teve ninguém, amiga? — perguntou Ju segurando-lhe as mãos.

— Não, Ju. Nunca dei espaço para ninguém se aproximar, preferi dedicar meu tempo à minha mãe, depois que ela morreu ficou mais difícil. Agora, eu me dedico aos meus alunos e a vocês. Não consigo imaginar outro homem me tocando. Não seria capaz de amar mais ninguém.

— Tem quanto tempo que vocês ficaram pela última vez? — perguntou Ju, tentando se lembrar.

— Oito anos! Foi quando ele voltou e me contou que iria se casar. Eu sei que não fiz certo, ele já estava comprometido com a Roberta, mas não podia perder a chance de me despedir dele — falou sorrindo fracamente com os olhos mareados. — Já me culpei muito por isso, mas eu e Luana já conversamos tanto que a culpa não me acompanha mais.

— Ele agora é um homem livre, Ana — observou Laura, colocando sua mão em suas pernas. — Vocês podem tentar mais uma vez.

— Eu não quero vê-lo, Laura, mas isso não é uma opção mais. Não sei se consigo me entender, eu me sinto traída. Eu o esperei e o amor que Lucas dizia sentir por mim não foi o suficiente para que ele tivesse motivos de me esperar — comentou com uma serenidade incompreensível.

Escutaram um barulho de copo se quebrando na cozinha e a voz exaltada de Bella. Laura tentou levantar, mas Ju a impediu.

— Laurinha, deixa as duas conversarem. Bella foi a última a saber. Cada uma de nós teve tempo para absorver e ter sua própria reação. É a vez dela. Elas vão se entender — afirmou Ju com ternura.

As três ficaram sentadas, já não ouviam nenhum barulho. Com as mãos entrelaçadas ficaram sentadas no sofá. Cada uma com seus próprios pensamentos, refletindo sobre suas frustrações e sobre as lembranças que desenterraram.

CAPÍTULO 4

Luana saiu para cozinha e convidou Bella para ajudá-la. Antes de começar a lavar a louça Bella se virou para a amiga e a abraçou.

— Eu estava com saudades, Vaquinha.

— Você sumiu, Bellinha, sinto muito a sua falta.

— Eu andei um tempo no Rio. Na minha profissão não é bom ser figurinha marcada — brincou irônica.

Bella começou a lavar os copos enquanto Luana guardava o resto das comidas.

— Bellinha, não precisa lavar a louça! Amanhã vem uma pessoa para limpar.

— Pelo menos os copos, Vaquinha, assim colocamos o papo em dia. Tem quase um ano que não nos vemos.

— Verdade — falou Luana, aérea, tentando se lembrar da última vez que se encontraram. — Foi um ano difícil, eu realmente não fui a mais presente.

— Você e a Cris estão bem? Eu estou com saudades dela. Por que ela não ficou?

— A Cris está ótima e nós estamos bem. Ela sempre se acha uma intrusa nos nossos encontros — falou revirando os olhos

Bella somente riu e voltou sua atenção para os copos que estavam na pia.

— Bellinha, eu queria te contar uma coisa. Por favor, não se sinta traída por ser a última a saber, mas as meninas estão mais próximas. Eu pedi a elas que não te dissessem nada, eu queria te contar pessoalmente.

Com as mãos cheias de espuma, Bella se virou para a amiga ainda ensaboando uma taça. Olhou-a interrogativamente, aguardando o que ela tinha a dizer.

— Eu passei uns três anos sem fazer os exames preventivos. Sentia muitas cólicas, mas ninguém encontrava o motivo. Cansei de ficar procurando e nunca mais voltei no médico. Há três meses eu senti uma dor muito forte e acabei desmaiando. A Cris me levou para o hospital e não sossegou enquanto não descobrimos o que eu tinha. — Luana tomou o ar com força, Bella continuava parada ouvindo. — Eu estou com câncer, Bella, já está bem avançado, mesmo se eu retirar o útero não vai adiantar. Meus dias estão contados.

Em choque, Bella soltou a taça, que se espatifou no chão. Nem mesmo esperou processar o que tinha ouvido e deu um grito tentando expressar seu desespero, seu medo e sua dor.

— Que merda é essa, Luana, que você está falando? — perguntou, não querendo acreditar no que havia ouvido.

Sem se preocupar com os cacos espalhados no chão, Luana se aproximou e a abraçou.

— Bella, eu não sei quanto tempo ainda tenho, pode ser um ano, um mês ou posso morrer amanhã. Só que, tenho certeza que quero passar os últimos dias da minha vida ao lado de vocês.

— Três meses, Lua? Por que não me ligou? — falou ainda com a voz alterada.

— Bellinha, já tinha muito tempo que não nos falávamos. Eu não iria ligar só para contar. Foi difícil, está sendo difícil. Eu preciso me fazer forte para a Cris, para minha família, até para as meninas — confessou Luana com os olhos cheios d'água.

Bella abraçou a amiga com carinho. Segurou seu rosto encarando-a com ternura. Deu-lhe um beijo na boca demonstrando seu amor e admiração. Luana sorriu com o beijo roubado da amiga.

— Eu vou estar ao seu lado, Lua, todos os dias. Eu não quero um dia, nem um mês, muito menos um ano. Vamos lutar minha amiga, você ainda vai viver muito — disse chorando e abraçando novamente a amiga.

Luana se afastou sorrindo e lhe estendeu a mão.

— Devo contar para Cris que você me agarrou despudoradamente? — perguntou sorrindo e acariciando o rosto dela.

— Ela vai morrer de inveja — brincou Bella —, mas eu não me incomodo de beijá-la também — zombou. — A Cris é uma delícia.

As duas voltaram abraçadas para o salão do café. Laura, Ju e Ana estavam sentadas falando sobre Lucas.

— Meninas — chamou Luana, chamando a atenção de todas —, eu quero fazer um pedido para vocês. Apesar de tantos anos de amizade, a cada dia nos tornamos mais estranhas uma na vida da outra. A abertura do baú hoje, foi a prova que não nos conhecemos mais.

As quatro concordaram sem emitir nenhuma palavra e Luana continuou. — Eu quero conhecer de perto o mundo em que vocês vivem. Uma semana para cada uma. E gostaria que fizéssemos isso juntas. Podemos sortear para ver quem será a primeira anfitriã — disse com um sorriso sereno nos lábios. — Quero conhecer a Bella dançando na boate, no dia a dia dela. A Ju como mãe dedicada. A Ana como a melhor professora. E posso fazer o sacrifício de conhecer a rotina da minha irmãzinha.

— Preciso me organizar Lua, tenho uns dias de férias. Já tinha mesmo pensado em tirar — falou Ana. — Apesar de estarmos no meio do ano letivo, acho que consigo alguém para me substituir. Posso ser a primeira a mostrar para vocês minha pacata existência. Assim tiro férias logo em seguida. Eu vou adorar passar mais tempo com vocês.

— Eu estou completamente livre. Meus dias são todos seus — falou Bella olhando intensamente para Luana.

— Eu também — concordou Laura. — Posso te mostrar que apesar de uma merda, minha vida tem algumas coisas interessantes — falou com um sorriso fraco.

— Eu jamais negaria um pedido seu, Luana. O Rodrigo pode se virar com as crianças.

As cinco se abraçaram. O pedido de Luana conseguiu mudar o clima estranho que havia se instalado depois da abertura do baú. A possibilidade de poderem passar mais tempo juntas aqueceu o coração de Luana, não podia imaginar quanto tempo de vida ainda lhe restava, talvez não conseguisse visitar a rotina das quatro amigas, mas arriscou, apostou na possibilidade de ainda lhe restar quatro semanas de vida. Quem sabe cinco, assim poderia mostrar também seu cotidiano a elas.

Laura se desvencilhou do abraço e olhou atentamente para a irmã.

— Eu quero lhe dizer, que você é a grande responsável por estarmos juntas até hoje. Eu prometo que nunca deixarei que essa amizade acabe — falou deixando que as lágrimas escorressem borrando o resto de maquiagem que ainda lhe restava. — A rotina da Laura que

você conhecerá, certamente não será a mesma de antes da abertura deste baú. Eu quero transformar a minha vida e preciso da ajuda de vocês.

Ju a abraçou e deu um beijo nos cabelos da amiga.

— Meninas, eu preciso ir. O Rodrigo está vindo me buscar. Podemos almoçar juntas amanhã, aqui no café, o que acham? — sugeriu Ju, rompendo o silêncio que se instalou depois do comentário de Laura.

— Perfeito, assim combinamos tudo. Você pode me dar uma carona, Ju? — pediu Ana, pegando sua bolsa.

— Claro, Ana.

As duas começaram a se despedir. Laura estava pensativa e excepcionalmente calada, no estado de espírito em que estava, resolveu ir embora também. Bella e Luana ainda terminaram a última garrafa de vinho conversando amenidades.

— Está tarde, eu também preciso ir.

— Vamos lá *pra* casa Bellinha? A Cris está com saudades de você. — Convidou Luana trancando as janelas do café.

— A Cris já deve estar dormindo, Lua. São duas e meia da manhã.

— Duvido muito, ela deve ter passado no bar de um amigo, aqui mesmo na rua. Deve estar *ajudando ele* a fechar. Se nos apressarmos, ainda *encontramos eles* na rua.

Bella ajudou a amiga a fechar tudo e foram andando abraçadas, rindo, até o final da rua, onde os bares e restaurantes começavam a fechar. Um homem alto, forte, com os cabelos negros, lisos e bagunçados, recolhia as cadeiras enquanto Cris tomava uma cerveja sentada na única mesa que ainda estava na calçada.

Ao ver Luana e Bella, Cris se levantou para cumprimentá-las. Deu um beijo casto em Luana e abraçou a outra amiga com carinho.

— Bellinha, quanto tempo! — falou conferindo a amiga.

— Agora estou de volta — falou dando uma voltinha.

— Vocês não vão me apresentar a beldade. — Uma voz firme, um pouco rouca chamou fazendo com que as três se virassem para ele.

— Alex! Essa é a Bella! Amiga da Luana, da infância. — Apresentou Cris sorridente.

— Infância de umas, adolescência de outras — observou Luana, dando um beijo no amigo.

Sentaram-se a mesa e Alex saiu para buscar uma cerveja e mais três copos. Antes, olhou intensamente para Bella que se sentiu desconcertada com o galanteio.

— Uau, nunca vi você ficar sem jeito com homem nenhum — falou Luana deitando a cabeça no ombro de Cris.

— As pessoas mudam, Lua, eu consigo diferenciar os homens que eu irei para cama ou não — disse e virou o copo de Cris que estava na metade.

— Mudam? Não tinha percebido, principalmente depois de ter me agarrado na cozinha — falou debochada. — Você acredita Cris? — disse se virando para a namorada.

— Lua, eu poderia ficar horrorizada se você me dissesse que não retribuiu o beijo — respondeu Cris, num clima divertido não se importando com o carinho entre as amigas.

Alex chegou trazendo uma bandeja com dois drinks coloridos e um copo. Serviu para Bella e Luana e colocou cerveja no copo de Cris.

— Esse drink é o favorito da Luana — falou oferecendo a taça para Bella

Bella sentia uma familiaridade estranha com aquele homem. Ele era bonito, atencioso e muito simpático. Algo nele a atraía, mas tinha a sensação de estar fazendo algo errado. Não compreendia o porquê, pois era solteira e desimpedida. Alex era um sedutor, com certeza tinha qualquer mulher que desejasse. Não que isso a incomodasse, mas não conseguia explicar o bloqueio que havia se instaurado.

— Por que você não vem almoçar no café amanhã? — convidou ele tocando as mãos de Bella delicadamente despertando sua atenção. — Amanhã eu serei o cozinheiro — falou dando um sorriso arrebatador.

Bella se ajeitou na cadeira, estranhamente desconcertada com aquele homem. Assumiu o controle do seu corpo e se recompôs, ela era naturalmente provocante e sensual, Alex observava cada movimento encantado.

— Pode apostar que virei. E você vai conhecer o resto da turma. Todas viremos experimentar seus dotes culinários.

Alex sorriu e retirou suas mãos do braço de Bella. Cris contou para a amiga como Alex e elas se tornaram amigos. Descontraidamente, ele contava sobre as experiências e histórias que tinham vivido desde que abriu o bar. As meninas gargalhavam e acabaram estendendo a noite um pouco mais. Bella conferiu o relógio e pediu um táxi.

— Meninas, eu preciso ir. A noite foi maravilhosa e amanhã no encontramos no almoço.

— Bella, por que não dorme lá em casa? — convidou Cris.

— Eu cheguei ontem de viagem, estou morrendo de saudades da minha cama. E outra, não conseguiria dormir com vocês sem agarrá-las — brincou fazendo todos gargalharem.

O táxi chegou e Bella partiu. Alex acompanhou as amigas até a porta de casa. Ele não morava muito distante, continuou sua caminhada por mais dois quarteirões.

Enquanto Cris trocava de roupa, Luana se sentou na cama e conferiu o celular.

— Como foi a Convenção das Bruxas? — perguntou Cris, prendendo seus cabelos.

— Foi legal, mas um pouco doloroso. A abertura do baú foi um pouco tensa.

— Você lembrou o que tinha enterrado?

— Só uma carta. Eu escrevi quando estava me descobrindo e me aceitando. Pensava que elas nunca me aceitariam.

— Mas isso te machucou? — perguntou Cris sentando-se ao seu lado.

— Não, achei até divertido a minha insegurança. Fiquei preocupada com a Laura. Minha irmã, quando fizemos o baú, queria ter exatamente a vida que tem, mas só hoje percebi o quanto ela é infeliz e isso me doeu. Também teve a Ana, ela sempre escorrega quando o assunto é o Lucas e foge de todos os encontros possíveis. Eu já desconfiava, mas minha amiga ainda é completamente apaixonada por ele — falou e se virou para Cris. — Como pode um amor sobreviver por tanto tempo?

— Eu sei pouco da história deles. A Ana é sempre muito reservada e discreta nesse assunto.

— Eles eram perfeitos juntos — falou, olhando para o alto. — O Lucas foi para os Estados Unidos quando tinha dezessete anos, eles estavam no auge da paixão. A Ana foi visitá-lo uma vez, quando voltou estava planejando o casamento. A distância dificultava as coisas, não existia Skype, as pessoas quase não se comunicavam por e-mail. Até que ele conheceu a Roberta e logo depois ela engravidou. — Deu um suspiro longo. — Já tinha se passado um bom tempo. Lucas voltou e procurou a Ana *pra* contar, chego a desconfiar que ele estava disposto a não se casar com Roberta, mas assumir o filho. Quando ele contou da gravidez, Ana não quis saber mais dele. Tiveram uma última noite e nunca mais se encontraram.

— E quanto a sua irmã?

— Sabe Cris, eu tenho vontade de ajudar a todas, mas não sei se terei tempo para isso.

Os olhos de Luana estavam parados, não ia chorar. Contudo, sentia um aperto no peito, uma impossibilidade e um arrependimento de não ter se permitido a enxergar antes, o que hoje parecia tão claro.

CAPÍTULO 5

Laura chegou em casa procurando por Ernany, mas sabia que não o encontraria, aos sábados dificilmente ele dormia em casa. Não entendia porque ansiava tanto encontrá-lo, pois já havia se acostumado com a solidão e com a ausência do marido. Na verdade, nunca havia se importado com isso.

Desejava um abraço ou qualquer migalha de carinho que não recebia há muito tempo. Em seu peito havia dor, um sentimento que lutava diariamente para ignorar, uma grande ferida, onde o bálsamo eram os sorrisos das crianças que ajudava. Tinha consciência que o buraco em sua alma fora cavado com suas próprias mãos.

Bella tinha razão, não havia nada que as diferenciasse. Usou do amor do marido para conseguir joias, vestidos, carros, viagens e uma infinidade de coisas fúteis. Ernany sempre lhe deu o que desejava, estranhamente ela nunca desejou o seu amor.

Pela primeira vez, ansiava por se sentir amada, reencontrar aquele amor que seu marido tentou várias vezes lhe dar. O amor que não quis aceitar e mesmo que o aceitasse, não saberia como recebê-lo. Desejou voltar no tempo, há quinze anos atrás, onde pudesse fechar o baú com outras palavras, outros desejos. Escreveria uma carta completamente diferente da que lera hoje.

Tentava pensar em algo que pudesse ou que desejasse ter escrito. Se conseguisse voltar no tempo, sabendo o que aconteceria no futuro, seria concisa como Bella, que projetou suas esperanças sobre o futuro em uma única frase. Bella queria uma família e Laura desejava nunca mais sentir a dor da solidão.

Vagava pela imensa casa que acolhia sua solitude, parou na porta da cozinha, uma lágrima escorreu por sua face, entrou pelo cômodo que há muito não pisava e resolveu preparar um chá. Lembrava nitidamente do dia em que ela não era uma estranha em sua própria cozinha. No início de seu casamento, dedicou-se a aprender a preparar os pratos prediletos do marido.

Olhava fixamente para a água na chaleira de vidro, imersa em suas lembranças. As lágrimas ardiam em seus olhos, mas não se sentia digna em deixá-las sair. O apito da chaleira anunciou que a água já ebulia. Distraída, queimou seu dedo ao servir sua xícara.

Pela primeira vez sentiu inveja da vida que a irmã levava. Das cinco, Luana era a mais realizada, injustamente seus dias estavam contados, naquele momento, não pela primeira vez, desejou poder trocar de lugar com a irmã, morreria por ela. Sua vida não era tão colorida quanto a dela. Laura assumiu que sua existência era cinza. Luana sim tinha descoberto a felicidade, a leveza da vida e o amor.

Recordava-se de um tempo distante, onde a convivência com Ernany era agradável. Algum dia já havia sido amiga de seu marido. Laura se esforçava para compensar o amor que recebia, mas que nunca sentiu. Ele se mostrava sempre apaixonado e inúmeras vezes procurou nos olhos da mulher algum lampejo da reciprocidade de seu amor. Ela se culpava por não o amar e o compensava com atenção e dedicação. Aprendeu a ser a mulher ideal de um empresário importante.

Enquanto tomava seu chá, pensou em convidar o marido para o almoço com as amigas. Certamente ele não iria, provavelmente teria um compromisso inadiável, mas estranhamente queria sua companhia. A abertura do baú fez com que Laura se desse conta que a cura do seu vazio, dormia quase todas as noites no quarto ao lado.

Desejava tentar amá-lo pela primeira vez, desejava ter seu corpo junto ao dela nas noites de frio. Entendia a distância do marido, talvez, perdera os motivos de lutar pelos sentimentos da mulher com que se casou. Completariam seis anos de casados e há dois já não dormiam juntos, a cada dia ficavam cada vez mais distantes.

Começou a abrir os armários da cozinha, tentando encontrar tudo que precisava. As quatro da manhã preparava a torta de banana que Ernany gostava. As esperanças de um futuro diferente a encheram de coragem para lutar, queria reconstruir a sua vida e estava disposta a cessar de vez com as dores de seu coração. Lutaria para ter novamente o amor do marido, faria o que fosse preciso para poder ter mais uma chance de aprender a amar o homem com quem se casou.

Quando colocava a torta no forno escutou o seu celular tocando. O ruído vinha da sala, onde havia deixado sua bolsa, apressou seus passos desejando ouvir a voz do marido. Quando conseguiu alcançar o aparelho, ele já não tocava mais. Havia sete chamadas de seu irmão. Pensava como era possível estar tão mergulhada em seus pensamentos que não escutara seu telefone tocando. Imediatamente retornou a ligação com um imenso aperto no peito.

— Lucas? — bradou logo que o irmão atendeu a ligação. — Aconteceu alguma coisa com a Luana? A mamãe está bem?

— Boa noite, digo bom dia Laurinha! — retrucou soluçando tentando soar engraçado.

— Lucas você está bêbado?

— Completamente, estava com o Ricardo num bar fantástico.

— Lucas onde você está? São quatro horas da manhã, você quer me matar do coração me ligando a essa hora? Fala logo o que aconteceu!

— Não aconteceu nada, calma exagerada! Eu estou ligando para pedir o telefone da Ana — falou entre soluços.

Laura parou por um instante tentando ter certeza que ouvira corretamente o pedido do irmão. Antes que pudesse pedir que ele repetisse, Lucas continuou:

— Eu estava no bar, começou a tocar umas músicas e fiquei com vontade de ouvir a voz dela. De saber se está bem — confessou com a voz melancólica.

— Eu não vou te dar o telefone da Ana, Lucas. Já é quase de manhã e não pense em ir na casa dela.

— Ela ainda mora no mesmo lugar? — perguntou, fazendo com que Laura se arrependesse de ter fornecido a informação.

— Lucas, por favor, vá deitar. Não acho que procurá-la bêbado seja uma boa ideia — falou e ouviu o barulho do carro de Ernany. — Eu preciso desligar, mas se amanhã quando acordar ainda desejar vê-la, vamos todas almoçar no café da Luana. E por favor, não a magoe mais.

— Laura...

— Por favor, Lucas, preciso desligar — falou ao ver a porta de sua casa abrindo.

Ernany estava com a camisa amassada, para fora da calça. Seu cheiro denunciava que esteve com outra mulher. Laura conhecia bem aquele perfume, era o mesmo que ganhara do seu marido ainda quando namoravam. Ciente que não poderia cobrar dele, naquele momento, o que havia permitido durante anos, aproximou-se com um meio sorriso nos lábios.

— Oi.

— Laura! Aconteceu alguma coisa com a Luana? — perguntou tentando parecer preocupado, mas na verdade estava surpreso por ser recepcionado pela mulher.

— Não, está tudo bem com ela. Você está com fome?

Ernany a encarou confuso, essa preocupação não era habitual para a esposa.

— Eu jantei mais cedo — respondeu estranhando ter lhe dado satisfações. — Eu vou tomar um banho — disse saindo para o seu quarto.

Laura voltou para cozinha, retirou o bolo do forno e foi ao encontro do marido. Começou a se despir, entrou no banheiro sem fazer barulho. Ernany estava debaixo da ducha quente com os olhos fechados, há muito tempo Laura não via seu marido nu. Deslizou a porta do box e se juntou a ele.

Ernany olhou-a confuso sem entender aquela aproximação inesperada. Laura levou suas mãos em seu ombro, mas eles a segurou.

— Laura, por favor — pediu dando um passo para trás. — Eu já terminei meu banho.

Laura pôde experimentar a rejeição que sempre concedeu ao marido, mas isso não a faria desistir. Agradeceu mentalmente por não ter molhado os cabelos, teria que secá-los por horas e estava sem vontade. Desligou o chuveiro e se enrolou em uma toalha. Ernany já havia saído do banheiro, sem ao menos olhá-la como mulher.

Ele estava deitado em sua cama, os olhos semicerrados. Um filme de guerra passava na televisão quase sem som. Enrolada na toalha e com os cabelos agora presos, Laura se deitou ao lado do marido que a encarou incrédulo.

— Laura, está tudo bem?

Ela sorriu, balançando a cabeça afirmativamente, buscava forças para estar ao lado do homem que há minutos antes estava na cama com outra mulher, mas não iria desistir. Tentaria com todas as suas forças.

— Você está precisando de alguma coisa, sabe que não precisa me pedir permissão para comprar nada — falou ele prestando atenção no filme.

— Não preciso de nada que esteja à venda, Ernany.

Ele se sentou na cama e a olhou com pânico nos olhos.

— Você quer um filho, Laura?

Ela gargalhou com a pergunta apavorada do marido que encarando-a, tentava encontrar coerência nas ações da mulher.

— Não, Ernany, eu não quero um filho. Eu só quero dormir aqui com você — pediu sorrindo e afagando seus cabelos.

Ele tirou um travesseiro debaixo de sua nuca e entregou a esposa. Apagou a televisão e virou-se de costas para ela. Não se importando com a maneira fria em que era tratada pelo marido, retirou sua toalha e o abraçou por trás, sentiu seu corpo enrijecer. Estava provando do próprio veneno.

Ficou velando o sono de Ernany até perceber que sua abordagem tivera sido de fato invasiva. Teria que planejar e pensar melhor numa maneira de conquistá-lo. Pediria a ajuda de Ju e também de Bella. Há tempos não tinha desejos, sua libido encontrava-se em coma.

Convencida de que não conseguiria dormir, principalmente ao lado de Ernany que roncava como um porco, Laura se levantou e foi para seu quarto. O sol coloria o cinza da madrugada, pela janela, os reflexos ainda tímidos anunciavam a chegada de um novo dia.

Ela se condenava por não ter ficado no quarto ouvindo os roncos de seu marido. Seria isso o casamento? Provavelmente Ju ouvia os roncos de Rodrigo todas as noites, assim como Luana ouvia os de Cris. O que era insuportável antes, hoje parece essencial. Um ronco! Ouvi-lo seria o ápice da intimidade, da tolerância e nem isso ela não fora capaz de suportar.

Dúvidas e pensamentos inundavam sua mente. Tentava encontrar uma resposta, uma luz, um caminho. Apesar de ainda ver trevas, seu coração anunciava um desejo de mudança, de renovação. Às oito de manhã, deixou seu quarto em direção a cozinha, onde já se sentia estranhamente familiar, novamente. Numa bandeja, colocou o desjejum preferido de seu marido e uma generosa fatia da torta de banana, que segundo ele, ficava ainda mais gostosa depois que esfriava.

Com a bandeja nas mãos, levou até o quarto onde Ernany dormia. Colocou a bandeja no lado vazio da cama e se ajoelhou diante dele para acordá-lo. Ensaiou um selinho carinhoso, mas desistiu temendo outra rejeição. Ernany abriu os olhos assustado, sentindo a proximidade de Laura.

— Laura, aconteceu alguma coisa?

— Não, está tudo bem. Eu trouxe café da manhã para você, sei que você não gosta de acordar tarde, mas fiquei com pena de te chamar mais cedo — falou envergonhada por ter sido pega em flagrante.

Ele se sentou na cama e esfregou os olhos conferindo o horário no decodificador da televisão. Mirou a bandeja ao seu lado e se virou para ela.

— Obrigado — falou sem muita simpatia.

Percebendo que não era bem-vinda, resolveu voltar para o seu quarto. Queria se trocar e sair dali. A maneira fria com que seu marido a tratava era dolorosa demais. Era bastante orgulhosa para suportar tamanha indiferença, estava determinada a lutar, mas não se humilharia.

— Laura! — chamou ele antes que ela cruzasse a porta.

Ela se virou com os olhos tristes e o peito sangrando.

— Não quer tomar café comigo? — convidou ele tentando retribuir a gentileza.

Ela sorriu, cruzou os braços e se apoiou no batente.

— Não quero incomodar, Ernany, ficarei muito honrada de tomar café com você o dia que fizer questão da minha presença — falou saindo, deixando-o ainda mais confuso.

No meio do corredor, quase na porta do seu quarto, Laura resolveu fazer a última tentativa de aproximação do dia, voltou e encontrou Ernany ainda sentado na cama, com as mãos apoiando a cabeça.

— Vou almoçar com as meninas no Café da Luana. Gostaria que viesse comigo — pediu.

Ele ergueu a cabeça e encarou a mulher por um instante.

— Eu tenho uma partida de golfe no clube, marquei um almoço com alguns amigos, mas posso te pegar lá no final da tarde.

— Tudo bem, eu aguardo a sua ligação — falou e saiu.

Tinha certeza que sua promessa fora para se livrar do compromisso. Minutos mais tarde não se lembraria do acordo que havia feito de buscá-la. Entretanto, daria a ele um voto de confiança. Escolheu uma roupa simples, diferente de tudo que usava normalmente. Uma calça preta e uma bata de renda branca. Prendeu os cabelos num rabo baixo e começou a se maquiar. Não exagerou na base e no blush como sempre fazia, optou por um look natural. Uma Laura que diante do espelho não quisesse mais se esconder de sua verdadeira essência, mesmo que ela não a conhecesse.

Ainda estava cedo, encontrou Ernany na cozinha comendo um pedaço da torta já na metade.

— A Noêmia aprendeu sua receita direitinho, ela te superou — falou lambendo os dedos.

— Eu que fiz a torta ontem à noite — respondeu se servindo um pouco de café. — Estou indo *pra* casa da Ana, depois vou para o Café.

Surpreso com a satisfação que a mulher acabara de dar a ele, Ernany a segurou pelos braços e a abraçou.

— *Me desculpe* Laura, eu imagino o quanto deva estar sofrendo com a doença da sua irmã.

Aquele abraço apesar de ser o que mais desejava, estava longe de ser o que precisava. Não havia carinho e sim piedade. Analisando friamente, eram dois estranhos se abraçando, mas Laura não se afastou, tentou demonstrar naquele carinho a vontade de tentar ser um casal normal.

Ernany um pouco desconfortável com a proximidade, afastou-se e a segurou pelos braços.

— Eu posso deixá-la na casa da Ana, só preciso trocar de roupa — falou, deixando-a sozinha.

O caminho até a casa de Ana foi feito quase em silêncio, Ernany não se lembrava bem do caminho, então vez ou outra pedia as direções para a mulher. Estacionou o carro e enquanto esperava o desembarque de Laura, pegou o celular e começou a digitar uma mensagem.

— Obrigada! — falou ela esperando que ele pelo menos a olhasse para se despedir, mas ele somente balançou a cabeça com os olhos fixos na tela do celular.

Ficou parada na frente do porteiro, esperando que a amiga autorizasse a sua entrada. Não havia ligado para Ana informando de sua chegada. Somente quis sair de casa, o lugar que abrigava a sua solidão. Subiu pelo elevador, velho e barulhento e antes que a porta se abrisse por completo viu a amiga de pijama, parada na porta de seu apartamento, com cara de sono. Ana olhou Laura de cima em baixo, quase não a reconheceu com a roupa discreta e as sapatilhas que usava.

— Está tudo bem, Laura? — perguntou Ana, preocupada, abrindo a porta para que ela entrasse.

— Não, mas vai ficar. Eu te acordei?

— Eu já tinha levantado. Toma café comigo? — convidou sorrindo.

— Por favor.

Laura sentou-se à mesa redonda, de madeira pesada e reparou que nada havia mudado naquele apartamento desde que eram adolescentes. Os mesmos móveis, o sofá agora estava coberto com uma capa branca e alguns porta-retratos novos, com fotos de sua mãe e das cinco amigas.

— Você nunca pensou em trocar nada neste apartamento? — perguntou Laura olhando por sua volta.

— Pensei, várias vezes, mas há um certo comodismo em mudar o que machuca. Ontem depois que cheguei do nosso encontro, *me questionei* porque mantenho tudo do mesmo jeito — falou, servindo café.

— Chegou a alguma conclusão?

— Ainda estou presa ao passado, Laura. Manter os móveis da minha mãe é como se de alguma maneira conseguisse mantê-la perto de mim. Como se eu pudesse me transportar para um tempo em que não existiam desilusões.

— Você ainda o ama, não é?

— Sempre vou amar o Lucas. Ele foi meu primeiro e único homem. Ontem também questionei sobre me guardar para alguém que não acreditou e nem respeitou o meu amor.

— Está pensando em se abrir para alguém?

— Não exatamente, mas vou começar a olhar para os lados. Quem sabe não existe alguém esperando por mim — falou, sorrindo. — E você? Senti que não gostou muito do que viu no baú ontem.

— Ana, ontem consegui enxergar o que estava bem diante dos meus olhos. Pude ver qual era o motivo de me sentir tão vazia, também quero mudar a minha vida, poder aproveitar o pouco tempo que me resta com a minha irmã e aprender com ela o que é viver de verdade.

— Isso eu gostaria de aprender também. Pelo visto compartilhamos do mesmo vazio.

— Vazios diferentes, mas não deixam de ser vazios — falou, olhando para baixo. — Eu tentei me aproximar do Ernany ontem, mas vai ser difícil romper todas as barreiras que eu o fiz criar ao longo destes anos.

— Se você acha que vale a pena tentar, estarei do seu lado.

— Não sei se vale a pena, nunca tentei de verdade antes, mas estou curiosa para saber o resultado — Laura contou para a amiga suas tentativas frustradas de atrair a atenção do marido. Desabafou com Ana suas inseguranças e como foi experimentar pela primeira vez a dor da traição. Já no quarto, procuravam dentre poucas roupas algo para usar naquele domingo.

— Ana, que tal esse vestido? — falou Laura mostrando um vestido preto com um decote discreto e solto nos quadris.

— Esse é o vestido que usei na última vez que vi o Lucas, tem oito anos que não o visto — falou, pegando das mãos da amiga e medindo a cintura junto ao seu corpo.

— Nunca mais vai usá-lo? Por que está guardado a tanto tempo?

— Estava esperando o dia de virar a página para poder vesti-lo novamente — falou, tirando o pijama para experimentá-lo. — Talvez seja o momento de usá-lo.

— Ana não consigo acreditar que uma roupa de oito anos atrás consegue caber perfeitamente em você. A roupa mais velha que tenho foi da coleção passada e provavelmente se quiser vesti-la novamente vai ter que passar por vários ajustes — brincou Laura procurando um sapato para a amiga.

Ana foi tomar um banho e Laura ficou sentada na cama de Ana, apesar do quarto simples tudo era muito aconchegante, diferente da frieza de sua casa. Pensou em contar sobre a ligação do irmão na noite anterior, mas temia que ele estivesse bêbado e que não a procurasse hoje no almoço. Não queria alimentar esperanças na amiga, que já havia sofrido demais. Não se

arrependia de ter contado ao irmão onde encontrar a amiga, talvez um encontro ajudasse Ana a perceber que o Lucas que ela se apaixonou não existia mais.

Ana tinha os cabelos longos e negros. Seus olhos eram claros e seu corpo não fazia jus a vida sedentária que levava. Era magra, com as curvas bem definidas. Laura ficou contemplando a exuberância da mulher que se escondia atrás de suas roupas simples e desconexas.

Pegou em sua bolsa uma nécessaire com suas maquiagens de emergência e ensinou a amiga a realçar seus traços finos e delicados. Eram quase milagrosos os efeitos de poucos produtos no rosto.

— Toma, fique para você. Vou procurar uma base e um pó para sua pele — disse Laura entregando a nécessaire para a amiga.

— Não precisa, Ana, não saberia usar isso sozinha.

— Vai aprender, temos um mês de encontros frequentes para que eu possa te ensinar. A Bella pode te dar ótimas dicas, foi ela que me ensinou — disse sorrindo.

— Pode ser o início de uma mudança. Obrigada! — falou e a abraçou. — Eu preciso dar um jeito nos meus cabelos.

Laura se colocou atrás da amiga e fez uma trança embutida elegante com alguns fios soltos na lateral.

— Prontinho — falou contemplando a imagem da amiga no espelho. — Você está linda.

O livro completo encontra-se disponível no



<https://amzn.to/2ynpb6O>



NAHRA MESTRE

www.nahramestre.com

Siga Nahra Mestre nas Redes Sociais



www.facebook.com/nahramestreautora



www.instagram.com/nahramestre/